

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

ANDRÉ FÁVARO BUCCI

**Marcas na paisagem do Bom Retiro: italianos, judeus, coreanos e bolivianos na paisagem do bairro.**

**Bom Retiro's landscape marks: italian, jewish, corean and bolivian on the neighborhood's landscape.**

São Paulo

2018

ANDRÉ FÁVARO BUCCI

**Marcas na paisagem do Bom Retiro: italianos, judeus, coreanos e bolivianos na paisagem do bairro.**

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Scifoni

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B918m Bucci, André Fávaro  
Marcas na paisagem do Bom Retiro: italianos,  
judeus, coreanos e bolivianos na paisagem do bairro.  
/ André Fávaro Bucci ; orientadora Simone Scifoni. -  
São Paulo, 2018.  
63 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo. Departamento de  
Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. PAISAGEM URBANA. 2. ITALIANOS. 3. JUDEUS. 4.  
COREANOS. 5. BOLIVIANOS. I. Scifoni, Simone, orient.  
II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Simone pela atenção e dedicação na orientação desta pesquisa e pelas disciplinas cursadas que são responsáveis pelo interesse neste rico tema de trabalho.

Aos transeuntes do Bom Retiro que corroboraram com a pesquisa, sempre com cordialidade.

Aos meus pais, pela paciência e ajuda durante toda a vida.

## RESUMO

BUCCI, André Fávaro. **Marcas na paisagem do Bom Retiro: italianos, judeus, coreanos e bolivianos na paisagem do bairro.** 2018. 63 p. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Pesquisa realizada com o objetivo de identificar e catalogar marcas na paisagem do Bom Retiro que remetam aos diferentes momentos de imigração que o bairro recebeu e recebe. Para tanto, se buscou, inicialmente, entender a formação do bairro e sua primeira urbanização datada do final do século XIX e a influência da linha férrea nesse primeiro momento, além da influência de outros equipamentos urbanos que caracterizaram o bairro e sua primeira formação como operário. Em seguida, foi preciso entender como a diversificação da indústria e seu crescimento na cidade de São Paulo, a partir da década de 1930, aliada às obras viárias do Plano de Avenidas e à retificação do rio Tietê caracterizou mudanças em toda a cidade e alterou a lógica de crescimento do bairro, com seu adensamento, por reformas e aumentos, data daqui a primeira formação de um enclave étnico judaico na cidade. Colocados esses contextos, a pesquisa seguiu caracterizando as quatro diferentes ondas de imigração aqui estudadas, sendo elas: italianos, judeus, coreanos e bolivianos. Para cada momento das chegadas desses imigrantes, a cidade vinha passando por diferentes momentos históricos. Além disso, foi tratada aqui a relevância das redes de apoio desses imigrantes, suas relações entre si de coabitação e sucessão e com os brasileiros. As considerações finais buscam abarcar os motivos de etnias como a coreana, italiana e judaica possuem mais marcas na paisagem que a boliviana, além de se questionar como São Paulo pode ser uma cidade multicultural em que o lugar e o cotidiano de todas as pessoas sejam mais dignos.

Palavras-chave: Paisagem. Imigração.

## ABSTRACT

BUCCI, André Fávaro. **Bom Retiro's landscape marks:** italian, jewish, corean and bolivian on the neighborhood's landscape. 2018. 63 p. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This research was carried out with the objective of identifying and cataloguing the Bom Retiro landscape's marks that refer to the different immigration waves that the neighborhood received and still receives. In order to do so, initially it was necessary to understand the neighborhood's formation and its first urbanization during the end of the XIX century and the railways' line influence on this very first moment, beyond the other urban equipment's' influence that have characterized the neighborhood as a working class neighborhood. Next, the goal was understanding how the diversification of the industry and its growth in São Paulo city, starting in 1930, allied with the road works of the Avenues Plan and the rectification of the Tietê river characterized changes all over the city and modified the neighborhood's logic of growth, with its densification by reforms and increases; dates from here the first formation of a Jewish ethnic enclave in the city. After all these contexts, the research moved to characterize the four different waves of immigration that are this paper's theme: Italian, Jewish, Korean and Bolivian marks. For each moment of these immigrant's arrival, the city was on a different historical moment. In addition, the relevance of the immigrants' support networks, their relationships amongst themselves in cohabitation and succession and their relationships with the Brazilian people. The final considerations seek to encompass the reasons why ethnicities such as the Korean, the Italian and the Jewish have more landscape marks than the Bolivian ethnicity and questioning how São Paulo can be a multicultural city where the place and the daily life of all people would be more dignified.

Key Words: Landscape. Immigration.

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1:</b> Localização do distrito do Bom Retiro na cidade de São Paulo.	<b>11</b>
<b>Mapa 2:</b> O distrito do Bom Retiro e seus arredores.	<b>11</b>
<b>Mapa 3:</b> Região da Luz e Bom Retiro (fragmento da P. G. da Cidade de 1916)	<b>19</b>
<b>Mapa 4:</b> Plano de Avenidas, melhoramentos da área central: (1930).	<b>24</b>
<b>Mapa 5:</b> As centralidades de São Paulo ao longo de sua história.	<b>24</b>
<b>Mapa 6:</b> “Setores” do Bom Retiro segundo intensidade de ocupação.	<b>26</b>
<b>Mapa 7:</b> Demolições, aumentos e reformas e rearranjos fundiários no Bom Retiro, entre 1930 e 1954.	<b>29</b>
<b>Mapa 8:</b> Áreas da várzea ocupadas após a retificação do rio Tietê no Bom Retiro	<b>34</b>
<b>Mapa 9:</b> Marcas dos italianos na paisagem do Bom Retiro.	<b>38</b>
<b>Mapa 10:</b> Marcas dos judeus na paisagem do Bom Retiro.	<b>42</b>
<b>Mapa 11:</b> Marcas dos coreanos na paisagem do Bom Retiro.	<b>46</b>
<b>Mapa 12:</b> Marcas dos bolivianos na paisagem do Bom Retiro.	<b>50</b>

## LISTA DE IMAGENS E TABELAS

<b>Imagem 1:</b> Vista da estação da Luz, em 1867.	17
<b>Imagem 2:</b> Inauguração da linha de bondes Bom Retiro, em 12 de maio de 1900.	18
<b>Tabela 1:</b> Tipo de obras por ruas do Bom Retiro, 1930 a 1960.	28
<b>Imagem 3:</b> Projeto do Plano de Avenidas de Prestes Maia, 1935.	30
<b>Imagem 4:</b> Clube da Comunidade Nacional do Bom Retiro (Rua Anhaia, 1239)	38
<b>Imagem 5:</b> Restaurante italiano Pelicci (Rua Anhaia, 1039)	38
<b>Imagem 6:</b> Paróquia Santo Eduardo (Rua dos Italianos, 567)	38
<b>Imagem 7:</b> Antigo cortiço (Rua Solon, 441)	38
<b>Imagem 8:</b> Sede atualmente em reforma do Corinthians (Rua Solon, 426)	38
<b>Imagem 9:</b> Rua dos Italianos	38
<b>Imagem 10:</b> Memorial da imigração judaica (Rua da Graça, 160)	42
<b>Imagem 11:</b> Associação UNIBES (Rua Guarani, 63)	42
<b>Imagem 12:</b> Sinagoga israelita (Rua Gurani, 253)	42
<b>Imagem 13:</b> Edifício Esther Safra (Rua Newton Prado, 76)	42
<b>Imagem 14:</b> Cemitério israelita (Rua Prates, 435)	42
<b>Imagem 15:</b> Mercado e restaurante coreanos (Rua Guarani, 144)	46
<b>Imagem 16:</b> Mercado coreano (Rua Guarani, 255)	46
<b>Imagem 17:</b> Igreja coreana (Rua Joaquim Murtinho, 168)	46
<b>Imagem 18:</b> Igreja batista coreana (Rua Lubavitch, 211)	46
<b>Imagem 19:</b> Restaurante coreano (Rua Newton Prates, 49)	46
<b>Imagem 20:</b> Bar coreano (Rua Prates, 345)	46
<b>Imagem 21:</b> Restaurante coreano (Rua Silvia Pinto, 366)	46
<b>Imagem 22:</b> Venda coreana (Rua Silvia Pinto, 380)	46
<b>Imagem 23:</b> Mercado Coreano (Rua Três Rios, 101)	46
<b>Imagem 24:</b> Restaurante coreano (Rua Três Rios, 193)	46
<b>Imagem 25:</b> Igreja coreana (Rua Três Rios, 218 – Sobreloja)	46



<b>Imagem 26:</b> Supermercado coreano (Rua Três Rios, 251)	46
<b>Imagem 27:</b> Salões de cabeleireiros (Rua Joaquim Murtinho, 31)	49
<b>Imagem 28:</b> Salão de cabeleireiro (Rua Solon, 538)	49

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1. A FORMAÇÃO DO BOM RETIRO</b>	<b>14</b>
<b>2. O PROCESSO DE METROPOLIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO BOM RETIRO</b>	<b>23</b>
<b>3. OS GRUPOS DE IMIGRANTES E SUAS MARCAS NA PAISAGEM</b>	<b>36</b>
<b>3.1 Italianos</b>	<b>36</b>
<b>3.2 Judeus</b>	<b>39</b>
<b>3.3 Coreanos</b>	<b>43</b>
<b>3.4 Bolivianos</b>	<b>47</b>
<b>3.5 As relações entre os imigrantes</b>	<b>51</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

A paisagem do bairro do Bom Retiro se torna um interessante objeto de estudo para a Geografia, pois o bairro é um pequeno universo dentro da cidade onde houve transformações e reestruturações como em toda a cidade, mas há também fatores especiais nele, por sua história e ocupação.

**Mapa 1:** Localização do distrito do Bom Retiro na cidade de São Paulo.



Fonte: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

**Mapa 2:** O distrito do Bom Retiro e seus arredores.



Fonte: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa218602>

A área de pesquisa deste trabalho será, portanto, o distrito do Bom Retiro, na cidade de São Paulo. Esta porção da cidade está delimitada a norte pelo rio Tietê, a leste pela avenida Cruzeiro do Sul, a oeste pela rua Mauá e a sul pela linha férrea. Esta área da cidade foi urbanizada a partir do final do século XIX, com a chegada de equipamentos urbanos importantes, com destaque para a presença de duas estações de trem: a Sorocabana e a Luz. Além disso, a presença da Hospedaria de Imigrantes e sua proximidade com o centro da cidade fez com que o bairro recebesse muitos imigrantes durante sua história.

Os processos de formação das cidades e seus bairros muitas vezes podem ser parecidos, mas o que os diferencia na paisagem são suas características atravessadas por dimensões, fluxos advindos da produção e desenvolvimento técnico das civilizações o que irá definir o impacto desses objetos na paisagem.

A paisagem se forma a partir de momentos históricos e de modos de produção locais e nela há tensões que irão levá-la a suas transformações, permanências, obsolescências. Na paisagem é que diferentes agentes da produção do espaço irão atingir o indivíduo e seu cotidiano. Para Santos (2006, p. 67):

“A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. (...) Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual”.

A paisagem é, portanto, o início e o fim desse estudo: como cada uma das atuantes chegadas dos imigrantes interfere nas transformações e permanências do bairro paulistano. Segundo Santos (2006, p.69) “A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais”. A análise também tentará contemplar os outros fatores que se unem a este para que ocorram as transformações, assim como as permanências no Bom Retiro.

O presente trabalho buscará entender em seus capítulos: A história da formação do bairro do Bom Retiro, considerando a chegada de novos equipamentos à cidade de São Paulo, principalmente a partir da segunda metade do século XIX e os primeiros imigrantes; o processo de metropolização da cidade de São Paulo, suas consequências para o bairro e permanências na paisagem e, por fim, as diferentes ondas de imigrantes

que chegaram ao bairro, destacando os italianos, os judeus, os coreanos e os bolivianos para buscar entender como a relação desses imigrantes com o bairro é perceptível a partir da paisagem.

O trabalho de campo foi realizado a partir da deriva pelo bairro em cinco diferentes idas ao distrito, entre os meses de abril e maio de 2018. A pesquisa buscou desvelar as diferentes temporalidades ainda presentes no Bom Retiro, através da observação dos locais com significado para as diferentes etnias – locais de convivência e com relevância histórico-cultural – tais como: equipamentos de lazer, instituições religiosas, mercados, vendas e salões de beleza. Essas marcas foram também definidas a partir das entrevistas realizadas durante o trabalho de campo. A partir disso, portanto, as considerações finais tentarão comparar como cada onda de imigração conseguiu deixar suas marcas na paisagem do bairro paulistano.

## 1. A FORMAÇÃO DO BOM RETIRO

Até o início do século XIX, São Paulo ainda era compacta e tinha características da ocupação colonial em torno da área chamada de “Triângulo Paulistano”, como destaca Lourenço (1978, p. 01):

“(…) alguns edifícios mais importantes neutralizavam a impressão rural: o antigo colégio dos jesuítas, o mosteiro de São Bento; o mosteiro Carmelita e o palácio episcopal. Os mosteiros de São Bento, dos Carmelitas e de São Francisco eram vértices de um triângulo, ligados entre si por ruas erguidas por cerca de vinte outras irregulares, que contornavam acidentes e construções ligadas a esmo. A posição sobre a colina e a sua extensão edificada estavam no início do século XIX, pouco modificadas desde o início do século XVI”.

Dessa maneira, o que podemos caracterizar é que desde a sua fundação a cidade se encontrava num mecanismo de relação única com a economia mercantil colonial portuguesa, sendo o Brasil caracterizado por economias de base regional que tinham poucos vínculos entre si, já que o intercâmbio de mercadorias se dava diretamente com o exterior, fator que dificultava o fortalecimento de uma economia em bases nacionais, como destaca Singer (1974, p. 08):

“(…) a economia colonial apresenta como uma de suas características cardeais a desarticulação da economia, que aparece dividida em numerosos compartimentos locais, estanques uns em relação aos outros. Cada segmento local liga-se ao mercado metropolitano diretamente, mediante a venda de produtos ‘coloniais’ ou indiretamente, mediante o fornecimento de produtos de subsistência a um segmento ligado àquele mercado. (...) Desse modo apresenta-se a economia colonial segmentada em uma série de regiões, cada uma vinculada à economia da Metrópole (ou à economia de países industrializados) sem que haja relações comerciais significativas entre elas, denotando inexistência de qualquer divisão de trabalho inter-regional no país”.

O Brasil durante o período colonial era alvo de decisões externas e, sob o comando da coroa portuguesa, não poderia criar suas funções urbanas independentes da metrópole. Suas estruturas e redes atendiam apenas à manutenção da economia exportadora e para

que fosse possível reverter esse quadro, era necessário o fim desse sistema colonial e a acumulação de capital excedente para dinamizar a economia local. Para além do fim da dominação externa, o Brasil precisaria ainda criar estruturas e equipamentos que permitissem uma maior integração intra-regional e permitissem um aumento no fluxo de produtos e comunicações. Nesse contexto, São Paulo entra no período urbano industrial do século XIX, com a expansão da economia cafeeira.

O café começa a ser cultivado no território paulista no início do século XIX nas regiões do Vale do Paraíba, Bananal, Ubatuba, mas será relevante como fator à urbanização da cidade de São Paulo a partir da década de 1860, graças à conclusão da ligação ferroviária até o porto de Santos, o transporte mais moderno da época. É a partir daí que a província de São Paulo irá passar a controlar o escoamento de sua produção cafeeira, que até então se encontrava sob domínio fluminense, através da Central do Brasil. Portanto, São Paulo irá reforçar sua função de entreposto comercial a partir desse corredor de exportação de café com o advento da tecnologia ferroviária e é a circulação ferroviária que será essencial para a estruturação urbana paulistana.

A cidade se torna um elo entre o interior e o litoral, para onde iam os imigrantes e as inovações. Segundo Singer (1974, p.39):

“As consequências do desenvolvimento da cafeicultura foram notáveis. Mesmo considerando-se apenas as consequências diretas – aumento da população, desenvolvimento comercial, melhoramentos urbanos, constituição de mercados de fatores (capital e trabalho) – não é demais considerar-se que o café ocasionou ‘uma segunda fundação’ da cidade”.

A ferrovia é, portanto, um dos principais fatores para se entender a formação e desenvolvimento de vários bairros da cidade de São Paulo, inclusive o Bom Retiro. Construída a partir da associação de capitalistas locais com capitalistas ingleses, ela tinha por objetivo vencer a barreira natural que está representada pela Serra do Mar, rota que antes era realizada pelos muares de carga. Para que a São Paulo Railway pudesse ser construída foi necessária uma série de garantias aos capitalistas ingleses de retorno e benefícios aos seus investimentos, por parte do poder provincial e do poder imperial, empenhado na modernização do transporte do Brasil. Em 1860, a concessão da construção da ferrovia é dada ao Barão de Mauá que também é responsável por atrair os

investimentos ingleses, os quais depois ficaram com a concessão da ferrovia de forma exclusiva e, nesse mesmo ano se iniciam as obras da ferrovia que viria a ser conhecida popularmente como “Ferrovia Santos – Jundiaí”.

As obras foram concluídas em 1867 e a partir de então há um fluxo crescente de pessoas e mercadorias se utilizando da ferrovia. Além disso, após a conclusão desta primeira ferrovia paulista, vemos o surgimento de novas importantes ligações ferroviárias, como a ferrovia “Jundiaí-Campinas”, a estrada de Ferro Sorocabana e a ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro. Essa rede nasce sem uma intenção de integração, mas acabam por se conectar pelas necessidades produtivas e de circulação e formar uma dorsal ligando as regiões produtoras de São Paulo. Além da expansão ferroviária, ocorre também uma expansão e modernização do porto de Santos, para que esse pudesse receber o crescente número de exportações e importações.

O modelo de urbanização que ocorreu no Brasil, assim como em outros espaços periféricos mundiais literalmente produziu cidades que, geralmente, por sua posição estratégica no sistema produtivo, iriam receber a implantação de prédios político-administrativos e novas estruturas materiais em seus espaços. Esse processo de estruturação da cidade irá influenciar na formação inicial do Bom Retiro, como destaca Santos (2000, p.36):

“Na direção norte paulistana, a não mais que três quilômetros do centro da cidade, até o início do século XIX, ainda predominava a paisagem bucólica do Campos do Guaré, assim denominada uma extensa planície aluvionar junto à várzea do rio Tietê e Tamanduateí, com uma vegetação rala e arbustiva, compondo uma área aproveitada para o pastoreio e pequenas atividades agrícolas. Pois bem, o desenvolvimento urbano do Campos do Guaré dependeu, de início, de uma ação do poder público, que estimulou, através de variados mecanismos, a implantação de infra-estruturas. Em 1790 foram iniciadas as obras, promovidas pelo governo da província, do que viria a ser o futuro “Horto Botânico”. Porém, concluído apenas em 1825 com a denominação “Jardim da Luz”, passou a ter uso de fato no final da década de 1860, com a inauguração da Estação da Luz e as reformas urbanas que foram levadas a cabo na administração do prefeito João Teodoro Xavier de Matos (1872 a 1875)”.



Desde 1860 era possível observar um loteamento de chácaras de final de semana nas áreas circundantes ao triângulo paulistano, principalmente em direção aos rios Tietê, Pinheiros e Tamanduateí, inclusive na região dos Campos do Guaré, em que era possível ver um padrão arquitetônico barroco colonial em chácaras como a do “Marquês de Três Rios”, e a “Chácara Bom Retiro”, de propriedade de Manfred Meyer.

Depois da primeira estrutura, a região dos Campos de Guaré recebeu a Cadeia Pública, ao lado do Jardim da Luz, em 1852. E o Liceu de Artes e Ofícios, em 1873. Essa região entra desde cedo na lógica de produção do espaço urbano, sob a matriz de um modelo agrário exportador que irá priorizar a produção e a circulação de mercadorias e que sob este mote do desenvolvimento irá transformar a paisagem paulistana drasticamente, a partir do último quartel do século XIX.

Para Santos (2000), o poder público tem papel hegemônico na metamorfose da paisagem de São Paulo através de regulamentos que visavam a construção de casas mais modernas e menos coloniais, Código de Postura da câmara municipal para regular o habitar paulistano e um padrão de uso do solo.

**Imagem 1:** Vista da estação da Luz, em 1867.



Fonte: [www.smul.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/1872.php](http://www.smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1872.php)

**Imagem 2:** Inauguração da linha de bondes Bom Retiro, em 12 de maio de 1900.

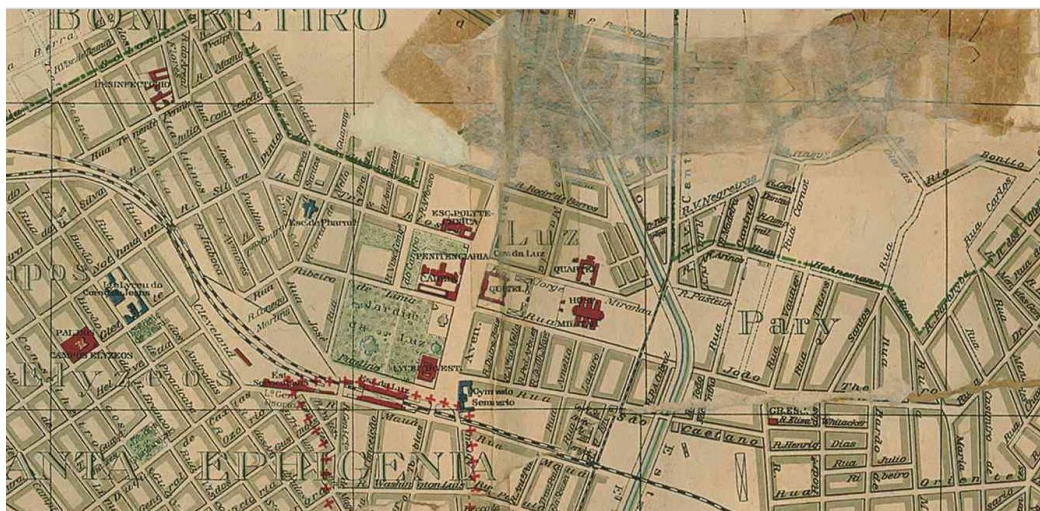


Fonte: [www.smul.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/1900.php](http://www.smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900.php)

Esta porção da cidade chamada Campos do Guaré irá sofrer grande impacto em sua paisagem ainda bucólica a partir da implementação da São Paulo Railway. Essa ferrovia e a Estrada de ferro Sorocabana vieram a ser a porta de entrada de muitos imigrantes no Brasil e essa área da cidade recebeu importantes estações como a Sorocabana e a Estação da Luz. Sobre esse processo, Jorge (1988, p. 86):

“A construção das estradas de ferro foi de vital importância para o progresso da Província/Estado e a fixação dos terminais na área urbana da Luz refletiria no desenvolvimento do bairro e da própria cidade. [...] Sua presença material, alicerçada em expressivas edificações da arquitetura paulistana, representa como que o centro nevrálgico da vectação ferroviária paulista, condutora de antigas riquezas interioranas”.

**Mapa 3:** Região da Luz e Bom Retiro (fragmento da Planta Geral da Cidade de 1916).



Fonte: [http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/1900.php](http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900.php)

A partir do mapa 3 é possível observar a presença das duas estações de trem – a Sorocabana e a da Luz – além de alguns dos equipamentos urbanos do bairro já citados, como o Jardim da Luz, a antiga Hospedaria, a Cadeia Pública e o Liceu de Artes e Ofícios.

Junto a essas estruturas surgem outras novas, ligadas direta ou indiretamente à ferrovia, tais como galpões, oficinas, alfândegas, armazéns, etc. Com todas essas estruturas concentradas nessa área, ela passa por um contínuo processo de valorização, o que aumenta a possibilidade de especulação da renda fundiária que agora se tornara urbana. Há, então, um interesse dos donos de chácaras e terras dos bairros da vertente esquerda do rio Tietê – Santa Ifigênia, Campos Elíseos, Bom Retiro e Luz – em lotear e ocupar essas áreas que apresentavam topografia favorável e proximidade ao núcleo original da cidade.

Nesse sentido, alguns fatores criaram um processo de valorização que estimulou a abertura de novos loteamentos na cidade tais como: as primeiras indústrias na várzea, a chegada da elite aristocrática à cidade, o aumento da burguesia local, as intervenções do estado nas estruturas urbanas, o desenvolvimento do comércio e serviços, a disponibilidade de iluminação pública, gás e saneamento e, além disso, a contínua chegada de imigrantes que preferia se instalar junto às áreas de serviços e trabalho fez com que os donos das terras na área da várzea iniciassem seus loteamentos.

Primeiramente, a partir dos bairros Santa Ifigênia e Luz, no Campos do Guaré, seguido dos Campos Elíseos. E, em meados de 1880, o judeu Manfred Meyer que possuía sua chácara “Bom Retiro”, onde estava, inclusive, a primeira olaria da cidade entrou com o pedido para que o poder municipal arruasse sua propriedade. O processo de arruamento foi pensado para integrar o Bom Retiro, que pelo adensamento da atividade ferroviária havia ficado mais isolado do centro novo da cidade e dos três outros bairros supracitados (SANTOS, 2000).

Além disso, o bairro passou a ser atendido pela linha de bonde a partir de 1900. A linha levava desde o centro da cidade, passando pelos bairros de Campos Elíseos, Bom Retiro e Brás. Essa é a primeira redefinição das distâncias urbanas e influencia no tempo de transporte de cargas e pessoas, tendo, pois, grande relevância quanto à sua localização e valorização.

Paralelamente à legalização do seu loteamento, em 1881, Meyer vendeu ao governo provincial uma área de mais de 8000 m<sup>2</sup> que seria usada para a instalação da primeira Hospedaria de Imigrantes e Desinfectório de São Paulo, o que aumentou a circulação de pessoas no Bom Retiro. Essa hospedaria funcionou até 1888, quando foi substituída pela hospedaria dos imigrantes do Brás (SANTOS, 2000).

Essa parte da cidade está inserida num contexto importante, que Petrone apud Santos (2000, p.50) destaca:

“Não resta dúvidas que as principais áreas industriais acompanharam as vias férreas (...). Mas, inegavelmente, foi a função industrial, mais do que qualquer outro fator, que ocasionou seu crescimento e sua expansão em área. O fato de terem estradas de ferro aproveitando os vales onde os terrenos podiam ser obtidos a baixos preços por não serem apreciados como locais de residência, atraiu a instalação de estabelecimentos fabris. Cresceu, deste modo, a área urbanizada, e as várzeas do Tamanduateí e do Tietê, naqueles trechos, deixaram de ficar ao abandono”.

O desenvolvimento da indústria e das vias de comunicação permitiu o aumento de fluxo de mercadorias, mas também a necessidade de mão de obra para a produção: os imigrantes. A chegada de imigrantes cresceu enormemente a partir de 1880, em sua maioria, vindos da Europa. Esse fator está relacionado ao fim da escravidão no Brasil, a interesses do capital monocultor em suas taxas de lucro, pois com o trabalho assalariado

há uma acumulação de capital e um consumo interno e à política de imigração realizada pelo governo brasileiro que atraiu muitas pessoas através da imigração subvencionada.

Os imigrantes representavam uma mudança nas relações de trabalho que passaram de escravistas ao trabalho assalariado, apesar de obrigações contratuais e dívidas que os deixaram, muitas vezes, em situações de semiescravidão. A introdução do imigrante na cidade traz uma nova lógica ao cenário econômico, já que esse ainda era dominado pela produção cafeeira, mas já havia uma influência do poder desse novo modelo, difundido pelo domínio econômico e militar inglês no cenário internacional. Eles foram, ainda, responsáveis por boa parte da diversificação da nascente indústria brasileira.

É nesse período, portanto, que São Paulo passa por importantes transformações, novas estruturas, espaços urbanos, diversificação das edificações e das indústrias e classificação de bairros como sendo de operários, como o Bom Retiro.

O Bom Retiro será essencialmente operário e dominado pela presença de imigrantes italianos, que chegaram em grande quantidade a São Paulo, no final do século XIX e início do século XX. Boa parte disso ocorreu porque a hospedaria de imigrantes se encontrava, a princípio no bairro, como já citado anteriormente. Para Santos (2000, p.57):

“Compondo o maior número do contingente imigratório que entrou em São Paulo, a influência dos italianos, que se instalavam então no Bom Retiro para atender as necessidades de mão de obra, se fez sentir na produção da paisagem, principalmente na arquitetura da moradia popular. Podemos dizer que as linhas gerais da paisagem do bairro foram definidas durante a época em que o predomínio da população local era de italiano, que vai de 1890 a, aproximadamente, a primeira metade da década de 1930; quando observamos crescer as vilas, quintalões e cortiços ao lado de fábricas, galpões, depósitos, oficinas, etc. Estas características do ambiente construído dos bairros operários paulistanos, estava associada a um processo de intensa subdivisão dos lotes com a finalidade de se maximizar os lucros na venda de determinada gleba de terra e a multiplicação das moradias a fim de gerar renda com aluguéis, ou mais lugar para acomodações solidárias (parentes, agregados, etc.)”.

A constante chegada de imigrantes fez com que esses espaços tivessem que ser, cada vez mais, maximizados em sua utilização, num processo que gerou o aumento no número de cortiços, não só no Bom Retiro, como em todos os bairros operários da cidade. Essas primeiras construções, do final do século XIX, surgem em função dos baixos

salários que obrigavam os trabalhadores a recorrer à moradia coletiva e assim caracterizam a ocupação das várzeas de maneira singular, em relação ao resto da cidade que passava por seu processo de estruturação, pois formam bairros mistos com indústrias pequenas e médias, geralmente ligadas à transformação, próximas às residências, caracterizando uma época em que o transporte era dominado pela ferrovia e o local da moradia era o mesmo da indústria. Truzzi (2001, p. 146) destaca:

“Como bairro operário localizado nas imediações do centro, Bom Retiro abrigava um número muito expressivo de oficinas de fundo de quintal e outros estabelecimentos a meio termo entre o comércio e a indústria. A localização de empresas com esse perfil no bairro tornava-se conveniente graças à pequena dimensão dos negócios, à proximidade com o mercado consumidor do centro e à disponibilidade de mão-de-obra residente no próprio bairro”.

Paralelamente às casas operárias, surgia a moradia de uma primeira classe média que se formava no bairro. Essas casas apresentam maior requinte e uso de novas técnicas, com novos materiais, muitas vezes trazidos pelo transporte ferroviário, o que faz com que a paisagem, cada vez mais, deixe de ser uniforme.

## **2. O PROCESSO DE METROPOLIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO BOM RETIRO**

A partir da década de 1930, a cidade de São Paulo passa por intensas transformações conduzidas pelo processo de crescimento e diversificação de sua industrialização. Essas transformações irão atingir física e estruturalmente a cidade que irá ver intensificado seu processo de industrialização e o seu crescimento populacional. Para Mangili (2011, p.55):

“A área urbanizada da cidade se expande; novos bairros surgem ao longo de antigos caminhos; pequenos povoados aos arredores da cidade se desenvolvem e são absorvidos por São Paulo. Os bairros próximos ao centro, configurando áreas já consolidadas da cidade, se adensam e se compactam, através da ocupação de loteamentos encravados em seu interior, da intensificação da taxa de ocupação dos lotes e da verticalização (LANGENBUCH, 1971)”.

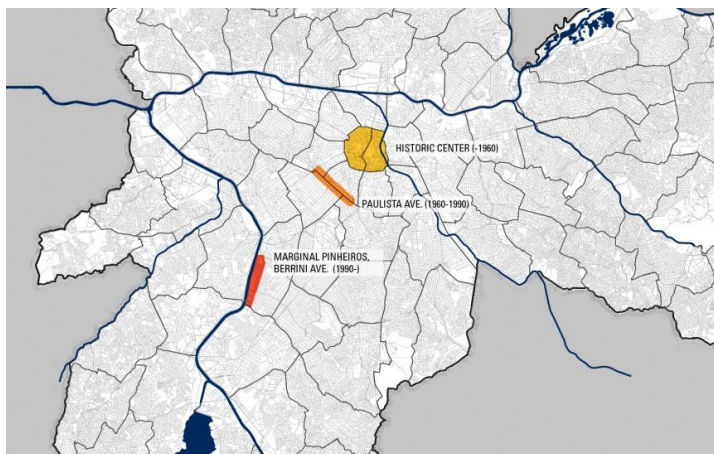
As obras viárias foram de extrema importância nesse momento e as que mais se destacam são aquelas ligadas ao Plano de Avenidas de Prestes Maia, que reestruturam o sistema viário e são importante fator de verticalização do centro e dos bairros próximos a ele. Há também, posteriormente, por volta da década de 1940, uma mudança na centralidade já que surge o “Centro novo”, para além do Anhangabaú e o chamado “Centro velho” que irá atender a necessidades comerciais da cidade e irá se destinar a camadas mais populares (MANGILI, 2011).

**Mapa 4:** Plano de Avenidas, melhoramentos da área central:  
Perímetro de irradiação – 2ª versão (1930).



Fonte: Dinis, H., 2009, p. 63.

**Mapa 5:** As centralidades de São Paulo ao longo de sua história.



Fonte: Frúgoli Jr., H., 2000, p.56.

Para o bairro do Bom Retiro, paralelamente à verticalização, o que também tem grande influência nas novas dinâmicas da estrutura fundiária é a retificação da calha do rio Tietê que permite a ocupação das áreas de várzea. O que pode ser visto, então, é a verticalização nas áreas já urbanizadas, como a região da Rua Prates e uma recente área conquistada pelo prolongamento de suas vias e ligações com a região da Barra Funda.



Esse processo leva a uma nova lógica de valorização/desvalorização dentro do bairro. Ainda segundo Mangili (2011, p.58)

“Em 1930, o Bom Retiro já apresentava três áreas mais ou menos distintas, passíveis de identificação pelo mapa cadastral desse ano: a primeira já bastante adensada, próxima ao centro delimitada pela via férrea, pela Avenida Tiradentes, e pelas ruas Sólon, Newton Prado, Guarani, Joaquim Murtinho e rua dos Bandeirantes; a segunda correspondente ao restante da área edificada do bairro, mais próxima da várzea, bem menos edificada que a primeira, ainda com vários lotes sem edificação e até quadras inteiras ainda não parceladas, delimitada pela Avenida Rudge e ruas Sólon, Newton Prado e Sérgio Thomaz; e a terceira área, à margem esquerda do Tietê e nas margens do Tamanduateí, quase totalmente desprovida de urbanização, ocupada pelo ‘Club Regatas Tietê’, pela ‘Limpeza Pública’ e por algumas edificações.”

**Mapa 6:** “Setores” do Bom Retiro segundo intensidade de ocupação.



1. Área mais próxima do centro.
2. Área mais próxima da várzea.
3. Área da várzea urbanizada após a retificação do rio Tietê.

Fonte: Mangili, 2011, p. 59.

A partir de então, as diferenças entre a ocupação dos lotes irão diminuir, mas o predomínio de usos das três áreas irá se diferenciar, suas populações residentes e proprietários, e seus níveis de valorização.

O Bom Retiro irá sofrer alterações devido à influência das áreas centrais sobre os imóveis que estão mais próximos ao centro, em sua área edificada consolidada. Foi um bairro que recebeu importantes equipamentos de lazer, educação e administrativos e nas

primeiras décadas do século XX, o bairro começa a aparecer como uma área central de comércio ligado à indústria têxtil.

A cadeia produtiva ligada à confecção de roupas irá se instalar e desenvolver no bairro, se adequando através das reformas nos imóveis já existentes. Esse momento, entre a década de 1920 e 1930, está ligado também à chegada dos imigrantes judeus no bairro que irão ser responsáveis por boa parte das indústrias de confecção.

A compactação das áreas já urbanizadas da cidade ocorreu pela verticalização do centro, pelo aumento da densidade ocupacional desses bairros e pela edificação de lotes em áreas urbanizadas, mas não totalmente edificados. Esses processos estão ligados a fatores como: a conjuntura internacional da Segunda Guerra Mundial, a ascensão de novos circuitos financeiros, principalmente em investimentos imobiliários financeirizados, a concentração de indústrias nessa porção do território brasileiro que atraía muitas pessoas, aos preços dos alugueis que quando contextualizados com os baixos salários dificultavam a sobrevivência dos trabalhadores e aumentavam o déficit de moradias, o que a partir de 1940 gerou uma crise habitacional nas grandes cidades.

Para tentar conter essa crise e, ao mesmo tempo, trazer os investimentos imobiliários para a área industrial, o governo decretou em 1942, a Lei do Inquilinato em que ocorreu o congelamento dos alugueis. O que ocorreu, então, foi um agravamento dessa crise, pois com a redução de ganhos no setor rentista, os locatários iniciaram um processo de despejo em massa para colocar os prédios à venda, o que diminuiu a oferta de locais habitacionais para locação. Nesse mesmo momento, a iniciativa privada constrói a solução para os trabalhadores: a casa própria no loteamento de áreas periféricas.

Entretanto, neste momento o Bom Retiro vai se adensando, Mangili (2011, p. 75) destaca:

“A compactação no Bom Retiro, entre 1930 e 1954, ocorre através de três processos: pelo aumento da área construída do lote, sem demolição, pela substituição das edificações, associadas a rearranjos fundiários, ou seja, associada a desmembramentos e remembramentos de lotes”.

Dentre esses processos, o que ocorre em maior intensidade no bairro do Bom Retiro é a reforma (ou “aumento da área construída sem demolição”). A área do bairro que se encontrava mais próxima ao centro se transformou pelas reformas, pela

verticalização e substituição das edificações pela parcela da população que ali instalava as confecções, já a área da várzea irá se compactar e se dividir pelo aumento de edificações e divisão de lotes, essa área irá se destinar às camadas mais populares que irá apresentar pequenas vilas residenciais, cortiços e pequenas indústrias.

As áreas possuem essas diferenças de compactação e transformação por alguns fatores, como a influência da estação da Luz, o intenso tráfego de pessoas na área e o surgimento de equipamentos auxiliares à atividade ferroviária; além dessa estrutura, o bonde irá ser uma influência inegável à maior densidade e compactação junto ao seu trajeto, valorizando as construções mais próximas à linha e por fim, a topografia do bairro que foi decisiva para que se iniciasse sua ocupação pelas cotas mais altas do terreno (MANGILI, 2011).

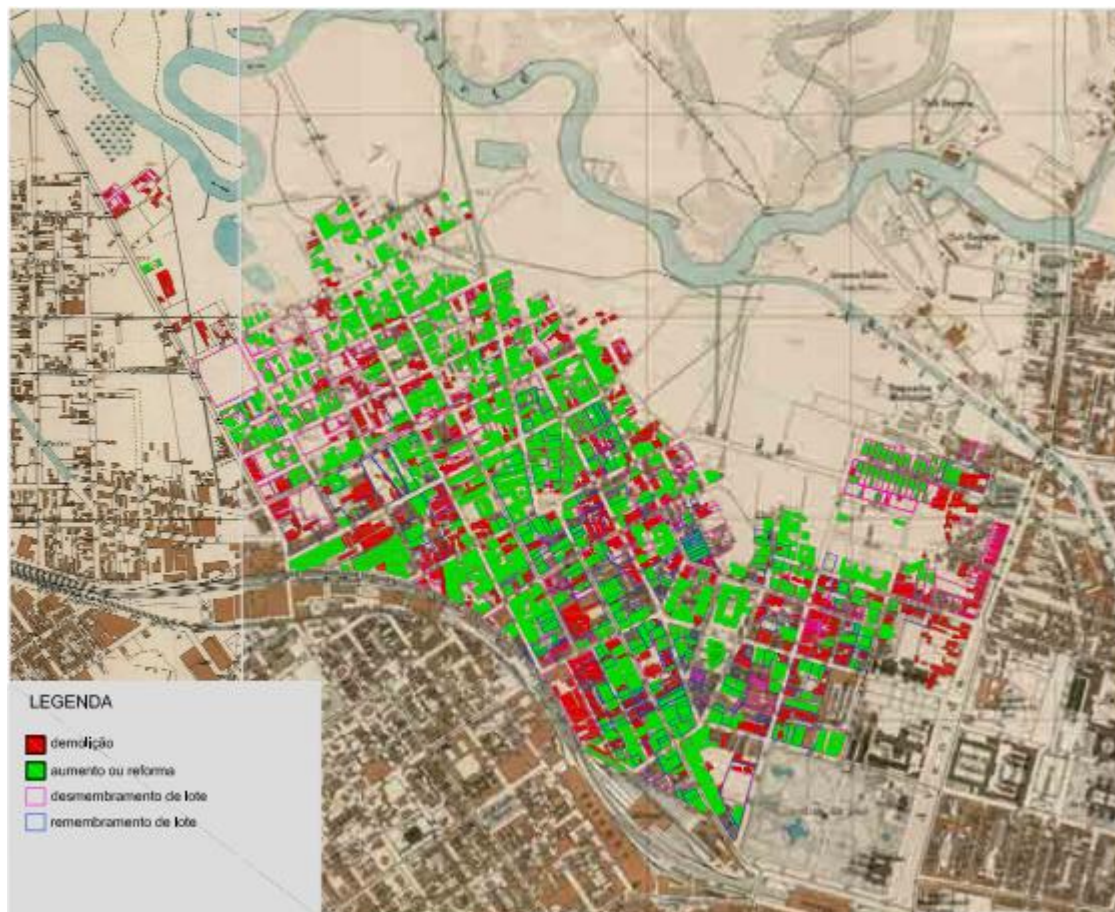
Essas diferenças nas áreas de compactação e densidade do bairro irão diminuir ao longo das décadas de 1930 e 1940, tornando-a quase imperceptível a partir de meados da década de 1950, devido, principalmente, às reformas e aumentos ocorridos no bairro. A tabela organizada por Liziane Peres Mangili demonstra esses fatos:

**Tabela 1: Tipo de obras por ruas do Bom Retiro, 1930 a 1960.**

RUAS	REFORMAS	AUMENTOS	NOVAS CONSTRUÇÕES
<b>Área compacta, próxima ao centro</b>			
José Paulino	28%	09%	62%
Prates	16%	09%	73%
Newton Prado	26%	11%	60%
Italianos	22%	06%	62%
<b>Área menos compacta, próxima à várzea</b>			
Sérgio Tomaz	04%	20%	73%
<b>Área da várzea urbanizada após a retificação do Tietê</b>			
Mamoré	06%	18%	70%
Matarazzo	0	04%	95%
Média geral	14%	11%	74%

Fonte: Mangili, 2011, p.86.

**Mapa 7:** Demolições, aumentos e reformas e rearranjos fundiários no Bom Retiro, entre 1930 e 1954.



Fonte: Mangili, 2011, p.65.

Através da análise da tabela e do mapa, podemos verificar a existência de uma área mais antiga ocupada mais densamente acerca do centro, marcada pelo número mais alto de reformas, já na área mais próxima à várzea, temos um primeiro momento de crescimento das novas construções, seguido de aumentos e reformas, responsáveis concomitantemente pelo maior adensamento do bairro.

Esses aumentos se destinam à construção de galpões, barracões e oficinas que os artesãos, pequenos industriais e comerciantes do bairro se utilizariam para associar o espaço do trabalho ao espaço de morar. Além disso, esses aumentos também representam a criação de novos cômodos, como quartos e banheiros para o surgimento de cortiços que



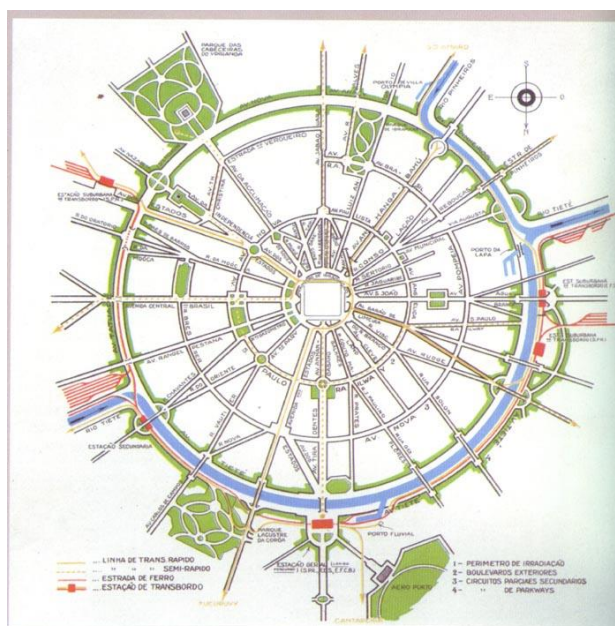
são característicos dos bairros centrais de São Paulo, de origem operária. A esse respeito, Mangili (2011, p. 85):

“A presença desses usos, tanto dos cortiços quanto dos pequenos estabelecimentos industriais e comerciais que associam o espaço de trabalho ao da moradia é um elemento de permanência do bairro, que se estabeleceu já na sua formação e que permaneceu, através da continuidade de configuração de lotes e edificações”.

A respeito da verticalização da cidade de São Paulo e do bairro do Bom Retiro, temos que levar em consideração o vetor de expansão que foi configurado para tanto através do Plano de Avenidas.

O Plano de Avenidas de Prestes Maia idealizava um projeto de perímetro concêntrico, a partir do qual se originariam avenidas radiais e diametrais atravessadas e interligadas por mais dois anéis externos ao primeiro perímetro. Assim, houve o aumento do eixo de ligação entre a Avenida Tiradentes, o Vale do Anhangabaú e a Avenida 23 de maio, visando dinamizar a ligação das zonas norte e sul da cidade. E, ainda, foram alargadas as avenidas Senador Queiroz e São Luiz, aberta a avenida Ipiranga e concluída a avenida Rebouças. Houve, também, transformações no Largo do Arouche, praças do Patriarca e da República.

**Imagem 3:** Projeto do Plano de Avenidas de Prestes Maia, 1935.



Fonte: <http://pueaarquitetura.blogspot.com/2011/04/os-aneis-viarios-e-as-avenidas-radiais.html>

Sobre o plano de avenidas, Santos (2000, p.90) indica:

“Esse plano, implementado ao longo de quatro décadas, foi sendo conectado ao eixo preferencial de expansão urbana que vinha se configurando na cidade desde a implantação das ferrovias, terminando por formar uma disposição radiocêntrica. Esta configuração, ao mesmo tempo que contribuiu para o processo de periferação, também propiciou a verticalização da área central da cidade”.

Essas obras na área central irão definir o entorno da rua Barão de Itapetininga e da praça da República como um polo vertical paulistano, onde haverá a concentração de construções modernistas. Esse tipo de construção se espalha também pelo bairro de Higienópolis, com altos edifícios residenciais voltados à classe média alta paulistana. Algum tempo depois, nos meados da década de 1950, começa a surgir a tipologia quitinete na cidade, mais uma adaptação do mercado imobiliário, voltada às classes médias baixas que priorizavam viver próximo ao trabalho, mas não tinham condições de adquirir um apartamento tradicional. Esse tipo de construção é habitualmente encontrado no bairro da Bela Vista.

A verticalização do Bom Retiro possui aspectos próprios quando comparada aos outros bairros da cidade. Em primeiro lugar, ela não está ligada diretamente a nenhuma obra viária do Plano de Avenidas, apesar de a acessibilidade do bairro ter sido beneficiada pelo plano. Além disso, a verticalização típica do bairro é representada majoritariamente pelo uso misto de comércio e indústria, seguido dos edifícios residenciais com uso comercial no térreo. E, finalmente, a verticalização para uso exclusivamente residencial é voltada a uma classe média menores recursos que não podia ter acesso aos apartamentos de Higienópolis, mas tinha renda suficiente para morar em um local melhor estruturado que as quitinetes, com a construção de prédios de apartamentos com características modernistas (acabamentos refinados, banheiro completo, dois dormitórios, elevadores e sistema de gás) que caracterizavam um novo modo de vida e inserção social numa cidade em profundas e rápidas transformações (MANGINI, 2011).

O Plano de Avenidas aliado à chegada da indústria automobilística no Brasil contribuiu para o domínio do modelo de transporte rodoviário particular, em detrimento das outras modalidades, como o transporte público ou a bicicleta. Porém, esse sistema

viário não acompanhou o vertiginoso crescimento do número de automóveis na metrópole paulistana, o que gerou e ainda hoje gera, pontos de estrangulamento do tráfego e intensos congestionamentos.

Sobre esse período Kowarick, L.; Rolnik, R.; Somekh, N. (1990, p. 154):

“A época de maior crescimento demográfico e econômico de São Paulo coincidiu com um período de crença, no País e no Exterior, de que o equacionamento do problema do transporte urbano, mesmo nas grandes cidades, podia ser baseado no transporte individual. Esta postura muito contribuiu para que não se desse ênfase à implantação de transportes de massa, e que a ampliação do sistema viário fosse a grande tônica do período. Mas a crônica deficiência de recursos não permitiu expansões significativas da extensa rede de vias expressas que os planos das décadas de 60 e 70 propunham”.

Esse fenômeno irá atingir o bairro do Bom Retiro de maneira intensa, pois no bairro estão inúmeras transportadoras e depósitos de mercadorias, o que irá conflitar com as modalidades de transporte coletivo e transporte geral, tendo todas as categorias os seus desempenhos afetados pela falta de novas ligações entre as vias e o excesso de veículos.

Mangili (2011, p.117) irá destacar:

“Em São Paulo, a modernização da habitação ocorreu em sintonia com as reformas empreendidas no centro da cidade na década de 1940, no âmbito do Plano de Avenidas. A renovação urbana e dos edifícios correspondeu à implantação de uma modernidade metropolitana que tinha como símbolos o automóvel, os arranha-céus e a arquitetura moderna (BONDUKI, 1998; MELO, 1992; SOMEHK, 1997). A verticalização e a adoção de características modernas estavam associadas à imagem do progresso, da renovação”.

Esse modelo viário pensado para a cidade, aliando progresso e renovação àqueles que podem pagar, possibilita também a intensa periferação da cidade, principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970. As periferias se tornam cada vez mais distantes dos centros e se caracterizam pelas autoconstruções com ausência de infraestruturas essenciais, como saneamento básico. E, paralelo a esse processo, temos o crescimento dos cortiços nas áreas centrais, em bairros como o Bom Retiro, Santa Ifigênia e Bela Vista.



Ainda na gestão de Francisco Prestes Maia e paralelamente ao Plano de Avenidas, tem início as obras de retificação e canalização do rio Tietê. Essas obras buscaram alterar os usos e as dinâmicas das áreas de várzea do rio.

As áreas da várzea, até então, se caracterizavam como locais de pouca ocupação residencial, locais que abrigavam uma pequena população ribeirinha que podia pescar no rio, além de espaços abertos e lúdicos que eram usados para lazer, através dos campos de futebol, por exemplo. Notava-se também a presença de pequenas hortas e animais. O rio era usado para navegação e a principal atividade econômica característica dessa área eram as olarias, já que o material necessário para a confecção de tijolos e telhas era facilmente encontrado na argila desse tipo de área.

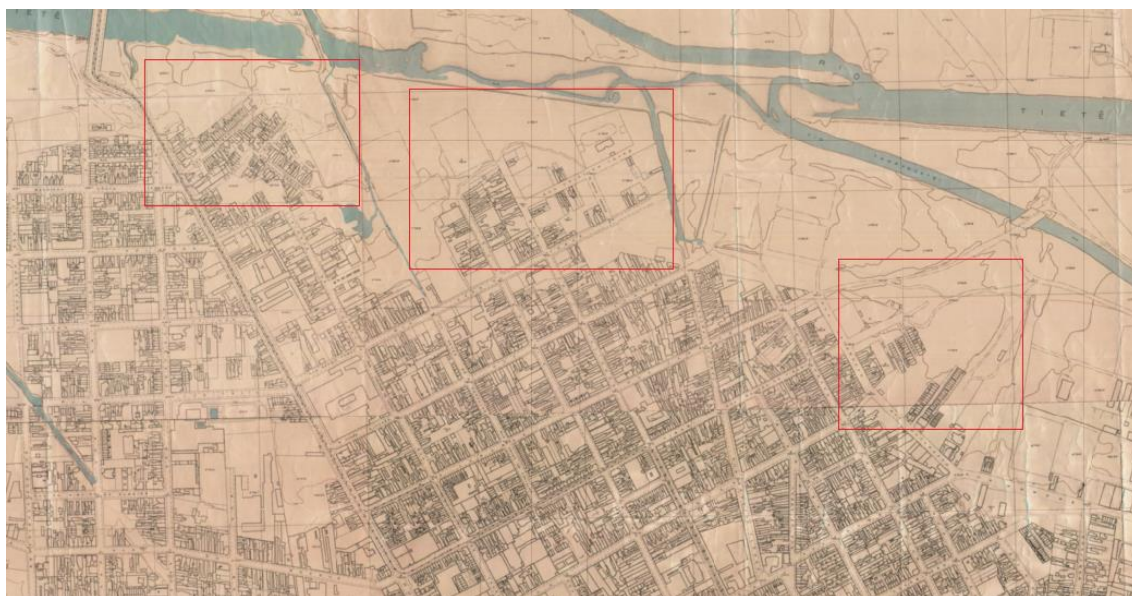
Desde o final do século XVIII, já existiam projetos de retificação e canalização do rio e de suas áreas de alagamento natural, já que suas inundações constantes mostraram a necessidade de tais projetos (JORGE, 2006). Esses projetos estavam envolvidos por um discurso de combater o isolamento de certas áreas em épocas de muita chuva e um discurso sanitarista, pois também nessas épocas se formariam pequenos lagos que seriam criadouros de mosquitos e insetos que poderiam representar um perigo a saúde pública, o que se mostra paradoxal, já que esse tipo de contaminação vinha do lixo e esgoto despejados pelo próprio poder público nesses locais. Para Jorge (2006, p.47):

“A combinação de tais fatores [intensificação das relações capitalistas na sociedade brasileira, forte chegada de capitais internacionais, além das inovações tecnológicas representadas pela eletricidade e pela ferrovia] desencadeou sucessivas intervenções na bacia hidrográfica do Tietê, recurso natural imprescindível para viabilizar o crescimento da capital paulista. Tais intervenções orientavam-se tanto por critérios técnicos-científicos como mercantis e procuravam garantir o saneamento da cidade, o seu abastecimento de água e energia elétrica e incorporar as várzeas dos rios paulistanos à área urbana, transformando-as em logradouros públicos ou em espaço negociável no mercado de terras. A navegação e o combate às enchentes também foram objetivos perseguidos, mas nunca se tornariam prioridades de fato – e foram mesmo abandonados em meados do século 20, assim como o saneamento”.

O projeto se mostra como o principal recurso utilizado para o ganho de terras na capital e o interesse do mercado nessas novas glebas recém incorporadas ao solo urbanizado.

Seguindo o ideal modernista supracitado, a ideia do automóvel como um símbolo de avanço, as várzeas deveriam dar lugar a amplas avenidas. Os terrenos têm sua ocupação feita de maneira lenta e os outros usos das várzeas vão deixando de existir, nessas áreas surge uma ocupação horizontal e de fim residencial, seguindo o padrão de população mais pobre do bairro, o que contrapõe essa parte que se expandiu do bairro com a típica ocupação de mistura de usos. A completa urbanização da área das várzeas foi ocorrer na década de 1960, com a construção das avenidas marginais e a abertura de uma ligação da avenida do Estado com estas. Todo esse processo tornou edificável uma área de aproximadamente 1.700.000 m<sup>2</sup> em dez novas quadras na porção noroeste do bairro (MANGINI, 2011).

**Mapa 8:** Áreas da várzea ocupadas após a retificação do rio Tietê no Bom Retiro.



Fonte: Mangili, 2011, p.122.

Na década seguinte, o processo de metropolização se intensifica na metrópole paulistana e a lógica da desconcentração industrial que ocorre em escala global pode ser vista também na escala municipal. Desde a década de 1950, as rodovias vinham se tornando os eixos de comunicação mais relevantes da cidade e as novas áreas industriais eram agora interligadas ao centro pelas vias rápidas: A região do ABCD, pela via Anchieta; Osasco e Guarulhos pelas rodovias Castelo Branco e Dutra, respectivamente, além do parque industrial de Santo Amaro, com a extensão da Marginal Pinheiros. A cidade passa por um crescimento do setor terciário, o que inegavelmente leva a processos

de renovação urbana com novas construções de porte diferenciado e refuncionalização urbana, pelo novo uso de construções já existentes. Esses fenômenos serão vistos no Bom Retiro e buscaremos compreender como as diferentes levas de imigrantes irão influenciar na paisagem do bairro e nessas mudanças.

### **3. OS GRUPOS DE IMIGRANTES E SUAS MARCAS NA PAISAGEM**

Os imigrantes do estado de São Paulo a partir do final do século XIX - o estado que mais recebeu imigrantes no País - eram, em geral, homogêneos: mais de 80% eram europeus advindos de Portugal, Itália e Espanha, que possuíam muito em comum, desde a proximidade geográfica de seus países, até a origem latina que aproxima seus idiomas, além da religião católica. O Bom Retiro é especial por ter um diferencial de contingentes estrangeiros, em suas origens e costumes.

Para Xavier (2012, p. 110):

“As escolhas de localização não se explicam apenas pelo preço do solo, mas igualmente pelo tipo de uso que é feito dos recursos da cidade, concretizados por diferentes trajetórias e localizações no espaço urbano. O uso destes recursos depende também dos tempos da migração, dos tempos dos projetos, das formas de migrar e da cultura do sujeito migrante”.

#### **3.1 Italianos**

Seguindo a tendência do estado, a primeira grande onda de imigrantes do bairro tem origem italiana. Esse primeiro momento no final do século XIX se relaciona com os primórdios da urbanização do bairro, onde com a chegada dos equipamentos públicos e graças à ferrovia, os imigrantes italianos se instalaram.

Truzzi destaca (2001, p. 145):

“A urbanização do Bom Retiro teve lugar na década de 1880, quando se intensificou a imigração europeia, principalmente de italianos que ali se fixaram. Desde logo, caracterizou-se o Bom Retiro como bairro proletário e de imigrantes, em virtude da presença de indústrias atraídas pela localização adjacente à ferrovia e pelas condições topográficas amenas, próximas à várzea. De um lado, a possibilidade de trabalho oferecida por essas indústrias e, de outro, a proximidade com o centro logo fizeram do Bom Retiro um bairro de imigrantes, que chegou inclusive a abrigar, por cerca de cinco anos, a primeira hospedaria de imigrantes de São Paulo”.

A chegada da ferrovia atraiu a instalação de indústrias no Bom Retiro, o que atraiu moradores que buscavam emprego nesse ramo. A instalação de dois liceus para o ensino

das atividades do ramo industrial e a presença das pequenas oficinas ligadas principalmente ao artesanato, como alfaiataria, armazéns e padarias são características importantes da dimensão operária que o bairro tomou. As habitações se caracterizavam pela maneira tradicional desse tipo de bairro, com casas modestas, as pequenas vilas e alguns casarões que se tornaram cortiços.

No trabalho de campo é possível caracterizar as marcas da paisagem dos italianos no bairro a partir das vilas operárias, cantinas, restaurantes de pequeno porte e mercearias. Além disso, a presença da antiga paróquia Santo Eduardo, o Club Nacional do Bom Retiro e o Corinthians são consideradas marcas desse primeiro momento de imigração, pois esses são espaços de convivência que estão ligados ao cotidiano e à história dessa etnia (SANTOS, 2000). O desafio, porém, é considerar que o processo de metropolização irá fazer desaparecer boa parte dessas marcas do início do bairro, como destaca Carlos (2007, p.45):

“Este é também o caso dos bairros de migrantes italianos que sofreram um processo total de transformação que destruiu as fachadas das casas, mudou os aspectos do uso da rua, criou novas funções eliminando-se a identidade cultural e o sentido da comunidade, mergulhando-os na tendência homogeneizante do processo socioespacial da metrópole. Isto porque a nova territorialidade caracteriza também o desenraizamento, o anonimato e o individualismo”.

Esquema gráfico em A3

### **3.2 Judeus**

A chegada dos judeus, a partir da década de 1920, é o fator que irá mudar as características de ocupação do Bom Retiro quando o comparamos com outros bairros operários paulistanos.

Os primeiros judeus que migraram para São Paulo tinham origem russa e datam da queda do império russo czarista. Sua principal atividade, então, foi o comércio ambulante pelas ruas do centro e do próprio bairro, diferentemente dos italianos que se inseriram como trabalhadores assalariados. Truzzi destaca (2001, p. 147):

“A concentração de judeus no Bom Retiro explica-se não apenas pela proximidade com a Estação da Luz. Os terrenos também eram baratos, pois tratava-se de um bairro operário e próximo à várzea. E, sobretudo, para a profissão de mascate ou de pequeno comerciante, era muito conveniente residir próximo ao centro da cidade”.

Após a chegada dessa primeira leva de imigrantes russos, judeus de diversas origens – Armênia, Polônia, Lituânia, Alemanha e Áustria – entraram no Brasil e se instalaram em São Paulo, pois se dirigiam aos importantes centros urbanos, muitas vezes fugindo das perseguições nazistas.

Sobre a heterogeneidade dos judeus em São Paulo, Rattner (1977, p.16) irá destacar:

“A própria integração na sociedade brasileira, entretanto, concorreu também para superar as diferenças de origem entre os judeus, os quais, aprendendo a falar a mesma língua, o português – adquirindo os mesmos hábitos e costumes, participando das mesmas organizações comunitárias e mandando seus filhos para as mesmas escolas ou movimentos juvenis – se aproximaram uns dos outros e se mesclaram, ao correr dos anos. Sob este aspecto, o desenvolvimento industrial-urbano de São Paulo contribuiu para a fusão e uniformização de sua comunidade judaica, composta inicialmente de elementos bastante heterogêneos”.

Aos poucos esses comerciantes foram se estabelecendo, chegando muitas vezes a abrir seu próprio comércio. Os judeus vivenciaram rápida ascensão social em São Paulo, pois a maioria deles já vivenciava uma atividade no serviço terciário em seu país de

origem, o que casou com as necessidades do mercado urbano em plena expansão da cidade.

A principal atividade que os judeus desenvolveram foi a atividade têxtil, a qual Feldman (2011, p. 46) irá resumir:

“De 1929 a 1945, o bairro se especializa e se consolida como um centro de indústria e comércio de roupas feitas, e nesse processo os judeus são protagonistas. Embora negócios por conta própria dos mais variados ramos estivessem massivamente presentes no bairro, e estabelecimentos de confecção de judeus estivessem presentes em outros bairros da cidade, ocorre no Bom Retiro um processo singular e diferenciado. A organização da base material compreendendo todos os elementos da cadeia de produção e vendas, num território delimitado e fortemente concentrado em um grupo de estrangeiros – uma economia de base étnica – é o que lhe confere uma identidade”.

O virtuoso desenvolvimento, principalmente no ramo das confecções, associou dois importantes vetores que culminam em um dos principais fatores de permanência do bairro: Negócios próprios e estrangeiros. E isso levou à rápida fundação de importantes instituições para a comunidade judaica, caracterizando uma relevante estrutura comunitária. Essa estrutura era responsável pelo acolhimento e recepção dos imigrantes judeus recém-chegados, pois os ajudaria nas mais diversas formas de adaptação ao Brasil, com escolas judaicas para os filhos, aulas de português ou a indicação para um cargo em um estabelecimento comandado por um judeu há mais tempo instalado no país, além das atividades culturais, de serviço social e de cunho religioso que formaram uma extensa rede comunitária bem estruturada para a recepção dessas pessoas. Por isso, em um espaço relativamente curto de tempo, Truzzi (2001, p. 150) irá salientar:

“No início da década de 40, a parte alta do Bom Retiro assumiu características de um enclave étnico. O ambiente era francamente judeu: sinagogas, filmes falados e cantados em ídiche, pessoas portando barba e vestuário típicos, estabelecimentos que comercializavam alimentos próprios consumidos pela colônia etc. Os judeus lograram assim recriar, no Bom Retiro, um ambiente muito favorável, seja nos negócios que prosperavam, seja em termos de sua sociabilidade, cultura ou religião”.



A partir da década de 1950, a valorização do bairro como centralidade comercial-industrial começa a mudar suas feições urbanas: Há valorização de terrenos com o surgimento de novas fábricas e lojas, além do desaparecimento de muitas das antigas moradias coletivas – vilas, cortiços, pensões – e muitos judeus começam a se direcionar para novos bairros como Morumbi e Higienópolis.

As marcas na paisagem do bairro aparecem, principalmente, nas construções de cunho religioso, como as sinagogas, um cemitério israelita e a Unibes que se caracteriza como uma união de antigos grupos de assistência social judaicos.

Esquema gráfico em A3

### **3.3 Coreanos**

Os primeiros registros de imigrantes coreanos chegando ao Brasil datam da década de 1960, quando a economia de seu país de origem estava passando por uma fase de estagnação após a Guerra da Coreia (CHOI, 1991). Esses pioneiros se dirigiram para as cidades do interior para tentarem trabalhar com a agricultura, porém por falta de experiência nesse campo de atividade e por falta de auxílio nessa adaptação acabaram, em sua maioria – 90% -, por se mudar para a cidade de São Paulo após três anos da chegada ao Brasil, segundo Choi (1991, p.80):

“O fato do Brasil surgir na década de sessenta como um país em pleno processo de industrialização ampliou consideravelmente as oportunidades oferecidas aos imigrantes. O início do desenvolvimento da indústria pesada significou a absorção de mão de obra até então marginalizada. Ao mesmo tempo, a mecanização crescente na zona rural explica, em parte, o grande êxodo em direção à capital, onde as expectativas de trabalho e de salário pareciam mais tentadoras”.

Uma vez na cidade de São Paulo, a primeira instalação residencial dos coreanos foi no bairro da Liberdade, onde formaram a chamada Vila Coreana. Os imigrantes se instalaram ali pela proximidade do idioma japonês e, portanto, pela facilidade em ler os jornais japoneses e receber notícias da Coreia. Além disso, a proximidade fisionômica deles com os japoneses reduziu a possibilidade de choque cultural com a nova sociedade em que estavam se inserindo, facilitando sua adaptação.

Mais tarde irão se direcionar para bairros como a Aclimação e o Brás; o Bom Retiro é um bairro para trabalhar, apenas. Para caracterizar os coreanos e sua dinâmica no Brasil, Truzzi (2001, p.151) irá dizer:

“Uma característica básica da imigração coreana foi sua constituição familiar. Cada família buscava ampliar o pequeno capital de que dispunha inicialmente, no menor prazo possível. Dois mecanismos aparecem como fundamentais à compreensão da rápida mobilidade econômico-social experimentada pelos coreanos em São Paulo: o engajamento da família no trabalho e a capacidade de articular redes internas à colônia para facilitar a inserção na nova pátria”.

Destacar o “engajamento da família no trabalho” significa dar a dimensão que esses imigrantes se empenharam nas suas atividades: dos mais jovens aos idosos estão compromissados com o ideal de trabalho contínuo aliado à poupança intensa dos valores recebidos.

Grande parte da ajuda na recepção e adaptação – hospedagem, alimentação e até auxílio financeiro – é dada pelas igrejas coreanas, majoritariamente protestantes. Essas igrejas se destacam como centros de encontro e convívio da comunidade coreana, para além de centros religiosos. Além disso, a existência do *kye* é uma característica própria desses imigrantes. Ele se caracteriza como uma associação de ajuda mútua entre indivíduos em que todos doam uma quantidade de dinheiro mensalmente e um dos participantes recebe uma boa quantia de dinheiro e continua o ciclo, ajudando o grupo até que todos recebam, como uma espécie de consórcio.

O interesse pelo ramo das confecções adveio da confluência de alguns fatores: não haver a necessidade de grande aporte de capital para se iniciar nessa atividade, o baixo risco do negócio e a possibilidade de empregar todos os membros de suas famílias, o que aliado à elasticidade da informalidade, representa maiores possibilidades de lucro. A escolha pelo Bom Retiro para o desenvolvimento desse tipo de atividade têxtil nasce do fator histórico por esse bairro já possuir instalações desse tipo, criadas pelos judeus principalmente a partir da década de 1950, além do reconhecimento das boas estruturas de transporte e a proximidade com a ferrovia do bairro.

É importante citar que a completude da cadeia de indústria e comércio de confecções fundadas pelos judeus e passadas para os coreanos é o que permite inferir uma identidade “mutável” ao bairro que passou de “bairro de judeus” a “bairro de coreanos” em algumas décadas. (FELDMAN, 2011)

Esse processo levou os coreanos ao domínio das atividades comerciais do Bom Retiro. Gradualmente, eles trouxeram inovações ao comércio, o que coincide com a expansão do setor terciário na metrópole de São Paulo e segundo Santos (2000, p. 100):

“Os coreanos foram, e ainda são, os responsáveis pela imposição de uma nova dinâmica no comércio local, com a implantação do giro rápido de estoque, o ritmo de trabalho intenso em suas confecções, a venda de roupas em tecidos mais leves, em grande parte importados, a introdução de um ‘marketing’ mais agressivo e inovador, visto sobretudo

na organização e ‘design’ de suas lojas; fatores que colaboraram para a decadência e, ao mesmo tempo, renovação do comércio tradicional do bairro”.

As marcas na paisagem dos coreanos são as mais numerosas no bairro, estão aqui consideradas tanto as construções de cunho religioso (como igrejas protestantes e batistas), assim como restaurantes, vendas e mercados de produtos coreanos. Todas as tipificações estão ligadas ao cotidiano desses imigrantes no bairro.

Esquema gráfico em A3

### **3.4 Bolivianos**

Os imigrantes bolivianos estão no Bom Retiro, mas possuem maior expressão em locais como o Pari e o Brás. Eles vêm a São Paulo desde a década de 1970 e aos poucos foram se inserindo nos diversos espaços sócio culturais paulistanos, se estabelecendo e sendo reconhecidos como um grupo étnico.

O perfil geral do imigrante boliviano pôde ser traçado a partir da década de 1980 – eram representados por jovens solteiros, de ambos os sexos – e quando menos qualificados trabalhadores do setor de confecções, juntamente com imigrantes paraguaios. Há, porém uma mudança, a partir da década de 1990, como salienta Cymbalista; Rolnik (2007, p. 123):

“(…) A partir de meados da década de 1990, o fluxo de imigrantes bolivianos a São Paulo assume uma nova escala, sobretudo em função da vigência do novo plano econômico brasileiro (em 1994) que interferiu na também comum rota de imigrantes bolivianos em direção à Argentina”.

Essa nova escala fez com que novos desafios fossem colocados à adaptação desses imigrantes no Brasil, já que boa parte deles imigrou com seus filhos ou trouxeram seus filhos da Bolívia posteriormente. Esse grande número de crianças na escola traz novas dinâmicas às escolas públicas, em um caminho ainda cheio de percalços a serem vencidos. Para Magalhães (2010, p. 152):

“No que tange, finalmente, a adaptabilidade desse direito [à educação], os desafios parecem de magnitude particular. Como é possível considerar as especificidades de alunos e alunas que nem sequer são notados? Estudantes cujas vozes são desconhecidas de muitos professores e da comunidade escolar? Nesse ponto, o idioma é uma questão de partida a ser pensada. Percebemos que, ao menos na chegada dos e das imigrantes, ele se configura como um impeditivo – ainda que considerem fácil e semelhante ao seu de origem, é preciso primeiro ‘acostumar-se com o português’ e só depois buscar a escola”.

São Paulo se apresenta como uma possibilidade de ascensão social, mais uma vez. Muitas vezes, os fatores sociais fazem com que esses imigrantes latinos sejam sujeitados a péssimas condições de trabalho, como destaca Silva (2012, p. 21):

“Com a crescente demanda de mão-de-obra para as oficinas de costura, a presença boliviana tornou-se significativa, mais feminina, e, ao mesmo tempo, portadora de contradições, em razão do processo de terceirização pelo qual passou este setor a partir dos anos 80. Nesse contexto de acumulação flexível, (Harvey, 1993), os bolivianos passaram a ser incorporados como trabalhadores temporários sem nenhuma forma de regulamentação trabalhista, tornando-se vulneráveis, seja pelo fato de parte deles estar indocumentada no país, seja por não ter um contrato de trabalho regulamentado. Esta situação possibilita a ação inescrupulosa de outros bolivianos que se tornam intermediários entre os patrões e os costureiros (as). Assim, nessa situação de subalternidade e, ao mesmo tempo, de convivência dos trabalhadores (as), a única possibilidade de ascensão é reproduzir o mesmo esquema de exploração com outros compatriotas que chegam na cidade, ou através de esquemas de aliciamento iniciados na Bolívia mediante propaganda enganosa”.

Os coreanos, como já dito, empreenderam uma modernização no setor de confecções e comércio em São Paulo e a fizeram a partir da flexibilização da produção, o que levou também à flexibilização do trabalho. Para dar cabo à conseqüente expansão de suas produções, os coreanos contrataram os bolivianos no mercado informal e os alojaram nas pequenas e médias oficinas de costura. Essa dinâmica, porém, vem se alterando com o tempo: enquanto os imigrantes coreanos se especializam cada vez mais nas tecnologias de desenho e novos materiais para suas confecções, vão deixando de lado os processos produtivos que podem acarretar problemas com a justiça, por conta da informalidade atrelada à produção e a crescente fiscalização do Ministério do Trabalho.

A respeito da informalidade nesse campo de trabalho, Sochaud (2012, p. 79) destaca:

“(...) oficinas de costura de pequeno e médio porte, subcontratadas, muitas vezes clandestinas e envolvendo, em cada nível de sua organização, populações de imigrantes internacionais, desde os ajudantes até os donos (Silva 2008). Elas conseguiram um espaço crescente na cadeia produtiva por sua flexibilidade que lhes permite captar e atender os prazos curtos de uma demanda organizada em ciclos curtos”.

As oficinas que geralmente oferecem também residência aos bolivianos representam, pois, a adequação do sistema capitalista na busca do lucro rápido e a resposta



a uma demanda que se modifica rapidamente no mercado têxtil na confecção das roupas *pret a porter* (ciclos curtos) e a informalidade é outro fator dessa lógica. A informalidade também traz em seu bojo a possibilidade da troca fácil de posto de trabalho para o trabalhador em uma cidade com mão de obra especializada escassa, o que representaria o revés dessa modalidade de trabalho para os donos de oficina de costura do bairro.

Os bolivianos, assim como os outros imigrantes que chegaram ao Bom Retiro também possuem comunidades de ajuda mútua, a saber: Associação de Residentes Bolivianos - ADRB, Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana Padre Bento e a Associação Cultural de Grupos e Conjuntos Folclóricos Bolívia/ Brasil, que estão ligadas aos principais eventos culturais na cidade.

As marcas deixadas por esta etnia na paisagem do bairro acabam por serem muito escassas. A partir de entrevistas, foi verificado que os únicos locais em que os bolivianos possuem um sentimento de pertencimento no bairro são nos salões de cabeleireiros.

Esquema gráfico em A3

A partir da análise dos dados coletados no trabalho de campo, é possível verificar que as marcas da paisagem que aparecem com maior frequência são aquelas relacionadas aos imigrantes com redes migratórias mais relevantes no período de chegada ao Brasil. Sobre essas redes, Truzzi (2008, p. 201) irá definir:

“ (...) agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, através de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos”.

Esse conceito nos parece objetivo para explicar o aparato comunitário que italianos, judeus e coreanos encontraram quando da sua vinda ao Brasil. Esse fenômeno é corroborado pela análise de Cymbalista; Rolnik (2007, p. 122):

“Territórios étnicos como o Bom Retiro dos judeus, e, posteriormente, dos coreanos, a Liberdade dos japoneses assemelham-se razoavelmente aos enclaves étnicos canadenses, guardadas as grandes diferenças entre as duas sociedades: foram ocupados por grupos específicos que passaram por grande ascensão social e que marcaram permanentemente seus espaços com a forte presença no espaço público, além de equipamentos de comércio e serviços. Tais elementos são fracamente presentes no que diz respeito à comunidade boliviana.”

O objetivo econômico das pessoas é perpassado por fatores culturais e sociais que culminarão inevitavelmente na dinâmica de oferta e demanda de mão de obra do lugar para onde emigrar. A partir do trabalho de campo, é possível inferir que as marcas na paisagem do bairro que se mantêm têm uma relação direta com essas redes de apoio que ainda hoje nos lembram como esses grupos se ajudaram nos processos de adaptação em São Paulo. É inegável, portanto, que o papel das redes é tão determinante na saída do país de origem quanto na integração à nova sociedade.

### **3.5 As relações entre os imigrantes**

Não podemos considerar nossa análise das diferentes ondas de imigração sem refletir sobre a convivência dessas distintas culturas no mesmo bairro. Para efeito didático, colocou-se em ordem cronológica os períodos em que mais pessoas de

determinada origem chegaram ao Bom Retiro, mas se faz necessário refletir sobre seus cotidianos e vivências que se encontraram e se encontram no dia a dia desse lugar. Aqui a categoria lugar é entendida como Carlos (2007) define:

“O lugar permitiria entender a produção do espaço atual uma vez que aponta a perspectiva de se pensar seu processo de mundialização. Ao mesmo tempo que o lugar se coloca enquanto parcela do espaço, construção social. O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo, posto que preenchido por múltiplas coações, expõe as pressões que se exercem em todos os níveis. (...) Deste modo o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento”.

Portanto é preciso pensar como se articulam as diferentes escalas do sistema na convivência entre as pessoas do bairro. Os estudos dão conta de que as relações entre as diferentes etnias são sempre vistas como harmoniosas e pacíficas no bairro, fruto de um forte discurso ideológico do Brasil, que vê na receptividade e fácil adaptação características sociais endêmicas ao País. Aqui buscaremos entender essas relações tentando refletir sobre alguns fatores dessa socialização.

As relações entre italianos e judeus se mostram harmônicas, principalmente quando pensamos no passado mais remoto do bairro. Diz-se que os laços se estreitaram muito por conta da ajuda mútua dos dois grupos quando o bairro ainda era atingido por fortes enchentes. Além disso, muitos hábitos alimentares foram intercambiados pelas duas etnias nas relações de vizinhança e os espaços públicos – várzeas, rio, terrenos baldios - divididos principalmente como espaços de lazer para as crianças demonstravam uma boa convivência entre esses imigrantes. (TRUZZI, 2001)

Nos negócios, as duas colônias que foram as pioneiras no bairro começaram desde o princípio trabalhando juntas. Boa parte das residências que os judeus alugavam ao chegar à cidade era de propriedade dos italianos, que os viam como “trabalhadores dedicados e bons pagadores”. Essas relações se completavam também em ramos diferentes e complementares da produção: enquanto os italianos trabalhavam com indústrias de móveis, oficinas de serralheria e venda de alimentos, os judeus se dedicavam

desde o início à indústria têxtil o que fazia com que as duas colônias fossem clientes uma da outra.

Já a relação entre judeus e coreanos se dá na esfera comercial. Quando da chegada dos coreanos à cidade, os terrenos baldios e as várzeas já haviam sido majoritariamente urbanizados, o que tornou os espaços de lazer de esfera privada – clubes, associações, igrejas – e permite que essas relações se deem apenas nos negócios, ou quando crianças, nas escolas do bairro. Além disso, como já citamos, esse período também reflete uma perda da função residencial do bairro, tanto para judeus quanto para coreanos que nunca escolheram o Bom Retiro como bairro residencial principal.

Muitos judeus viram na chegada dos coreanos a chance de vender seus negócios, pois não tinham a quem os deixar já que os filhos se tornaram profissionais liberais ou desejavam mudar o comércio da família para novas áreas ou shopping centers. Portanto, as relações eram boas porque não se dão em campo concorrencial, uma vez que boa parte dos judeus já havia se interessado em mudar seus negócios de lugar e a chegada dos coreanos corrobora com essa tendência. Truzzi (2001, p.157):

*“Grosso modo, tais elementos sugerem que a defasagem no tempo de chegada na imigração entre os dois grupos vem acarretando certa complementaridade em termos de inserção econômica, que se manifesta no fato de que filhos e netos de imigrantes judeus não se reproduzem nas mesmas posições da estrutura social por onde seus pais ou avós iniciaram. Os judeus, sem herdeiros para tocar o negócio original, vislumbraram nos coreanos uma ótima oportunidade para passar adiante suas lojas”.*

Esse processo, obviamente, não significou a saída total dos judeus do bairro e algumas neugas foram notadas quando da chegada dos coreanos e seu processo de produção familiar e exaustivo já citado que barateia sua produção. Essa concorrência gerou desconfortos entre os dois grupos e os coreanos afirmavam à época que ainda pagavam aluguel para os judeus e, muitas vezes, dependiam de matéria prima dos mesmos para suas fábricas. (TRUZZI, 2001)

As relações entre os bolivianos e os coreanos e os brasileiros estão envoltas em muitos discursos diferentes. Mais uma vez, temos os relatos da boa convivência entre todos eles, porém muito se especula sobre o modo de vida dos bolivianos – desde que

eles chegam ao Brasil por um esquema de tráfico de pessoas organizado por coreanos até o fato de estarem em relações de trabalho análogas à escravidão nas oficinas de costura.

Nunca foi comprovado um esquema de tráfico de pessoas envolvendo os coreanos e o trabalho análogo à escravidão das oficinas vem de um estigma que decorre do fato de algumas oficinas já terem sido autuadas pelo Ministério do Trabalho e pela repercussão disso na mídia; não devemos aqui generalizar essa imagem que é real para algumas, mas coloca uma imagem negativa a todas. Souchaud (2012, p.80) destaca:

“Portanto, as oficinas de costura não podem ser consideradas unicamente como lugares de exploração da mão-de-obra imigrante, também são lugares de inserção e ascensão social para numerosos estrangeiros, por que a informalidade e flexibilidade da organização das oficinas também facilitam a integração no mercado de trabalho (primeiro trabalho obtido pelo apoio dos membros do grupo familiar ou étnico), a capacitação profissional (grande parte chegam como ajudante, sem conhecimentos na costura), a realização de um projeto migratório (seja no próprio lugar: tornar-se dono de oficina; seja no país de origem: compra de um lote ou casa), para quem, frequentemente indocumentado, sem conhecimento do mercado de trabalho e com um domínio fraco da língua e dos usos da sociedade do país de destino, teria poucas chances de ficar na cidade de São Paulo”.

Nessas relações de trabalho, os coreanos aparecem de três maneiras distintas: como donos das oficinas que empregam os bolivianos em todos os postos de trabalho; na costura ou atividades associadas a ela ou os contratam como ajudantes de cozinha e limpeza das oficinas.

Muito interessante é notar as relações desses grupos de imigrantes com os brasileiros, especificamente na cidade de São Paulo. Como em várias outras cidades do mundo, nos bairros centrais paulistanos houve e há uma tendência a receber diferentes imigrantes, tanto nacionais quanto internacionais. O que vemos é que esses imigrantes não nutrem um sentimento de identidade com a cidade pois quando nos aprofundamos no discurso da mestiçagem brasileira – e paulista, mais especificamente - encontramos a suma relevância da imigração europeia, e apenas europeia desse processo. Vidal (2012, p. 104):

“Como mostrou Jeffrey Lesser (2001), o discurso sobre a identidade nacional brasileira que celebra a mestiçagem se impôs após ter sido inicialmente formulado no seio das elites, a partir da recusa das etnicidades e a primazia dada ao elemento europeu”.

Essa primazia do elemento europeu está expressa na ideia de que os imigrantes que mais fizeram por São Paulo seriam os imigrantes europeus, enquanto os outros grupos não têm a mesma relevância no processo de formação e crescimento da cidade. Esse processo é facilmente percebido quando analisamos a ideia das tradições em São Paulo e como elas são mais valorizadas quando tem origem europeia e quando pensamos no sentimento de identidade que esses diferentes grupos tentam manter com esse lugar, temos desafios, como coloca Carlos (2007, p.17):

“O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”.

Há, então, uma perda desse sentimento de identidade por boa parte dos imigrantes da metrópole paulistana, o que acaba por facilitar a entrada dos bolivianos na cidade que já não valoriza os migrantes brasileiros nordestinos e porque eles não concorrem nos postos de trabalho dos brasileiros – construção civil e serviço doméstico. Essa parece ser uma das chaves das boas relações: a não concorrência no mercado de trabalho dos diferentes imigrantes entre si e com os brasileiros.

Os bolivianos não consideram os brasileiros racistas, principalmente quando comparados aos bolivianos de ascendência europeia e aos argentinos (VIDAL, 2012). Sua maior integração aos círculos sociais nacionais tem obstáculos a começar pelo idioma, passando pelo pouco tempo livre para socialização por causa das elevadas cargas horárias de trabalho e por ser um povo mais discreto que o expansivo povo brasileiro. Os bolivianos são caracterizados pelos brasileiros como índios (pelos traços, cabelos e roupas) que possuem uma cultura própria (pelas danças e festas típicas) e são estigmatizados pelo trabalho análogo à escravidão. Esse discurso do “escravo” é o que os

separa dos brasileiros, apesar do domínio da mão de obra têxtil ser formado por imigrantes brasileiras. (VIDAL, 2012)



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se buscou destacar neste trabalho foi a relevância da presença dos imigrantes na formação da paisagem do bairro do Bom Retiro. Esses momentos de imigração são um rico estudo para a compreensão dos processos que se mostram formadores do bairro desde seu primórdio. BAENINGER (2012, p.09)

“(...) a importância do fenômeno migratório internacional reside hoje muito mais em suas especificidades, em suas diferentes intensidades e espacialidades e em seus impactos diferenciados (particularmente ao nível local) do que no volume de imigrantes envolvidos nos deslocamentos populacionais”.

Portanto, entender a localização de um grupo migrante no espaço implica na leitura do processo migratório por meio do entendimento das lógicas de estruturação da cidade e, reciprocamente, na leitura da cidade por meio dos processos migratórios: se os diferentes momentos da história urbana de São Paulo ocorreram com diferentes imigrantes e adaptações, não podemos esquecer que há aí uma relação dialética em que os imigrantes também são parte relevante desses momentos.

Os bairros centrais das grandes cidades tendem a agregar funções e oportunidades – no caso do Bom Retiro boa parte dessas funções e oportunidades foi vinculada ao mercado têxtil. Como vimos, esse ramo de atividade se fortaleceu e perdurou graças à conjunção da condição de “bairro” (vizinhança) e “centro” (produção) que permitiu a lógica de aproveitamento das estruturas pelos sucessivos grupos migrantes, colmo destaca Feldman (2011). É possível observar que apesar de a produção têxtil estar passando por um processo de expansão territorial na Região Metropolitana de São Paulo, rumo, principalmente, a bairros da Zona Norte e Leste<sup>1</sup> o Bom Retiro permanece como uma importante centralidade desse tipo de negócio para a cidade pois reúne locais de corte, produtores de linhas e materiais, venda de máquinas de costura além dos pontos de venda e grande circulação de pessoas.

---

<sup>1</sup> Para saber mais sobre essa expansão, ver Xavier, Iara Rolnik (2012). A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade. In Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.) Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa.

A boa relação entre os imigrantes dentro do bairro também foi um ponto aqui analisado e ultrapassando a aparente primeira análise que Truzzi (2001, p. 164) nos destaca:

“Desse modo, todos compartilham da noção de que a sociedade que os acolheu foi simultaneamente capaz de, em pouco tempo, aparar as arestas e diluir potenciais antagonismos de base étnica. Tal percepção é robustecida por uma ideologia implícita de valorização do trabalho, típica de um bairro que se formou com imigrantes”.

É possível compreender que, além disso, o que ocorreu no Bom Retiro foi a sucessão dos diferentes grupos de imigrantes, mais do que a coabitação. Nesse processo, houve momentos de complementariedade entre os negócios, principalmente entre os italianos e judeus e problemas geracionais, entre os judeus que foram resolvidos com a chegada dos coreanos. Esses grupos são os que demonstraram possuir maior apoio comunitário organizado em diferentes instituições, de diversos tamanhos, como fundações e igrejas e é justamente deles a maior parte das marcas na paisagem observadas no trabalho de campo. Os imigrantes bolivianos já não participam desse mesmo tipo de relação com os grupos anteriores e são atraídos pela oferta de trabalho e inseridos numa lógica em que não criam tantas marcas na paisagem e tem dificuldade em se identificar com aquele lugar.

Para caracterizar São Paulo como cidade multicultural, Martins (2008)

“É isso que faz de São Paulo uma cidade peculiar e multicultural. Não porque simplesmente acolha sem conflito a diversidade cultural dos que vão chegando, mas sobretudo porque assegura a cada um a experiência viva da diversidade, permitindo-lhe ser o que sempre foi e, ao mesmo tempo, ser o novo da convivência cotidiana das convergências e inovações. (...)a multiculturalidade paulistana é essencialmente um convite a continuar sendo o que sempre se foi para se tornar alguém novo e diferente. Um convite à criatividade cultural, ao trânsito constante e livre entre padrões culturais diversos”.

Essa nos parece uma boa definição de como uma cidade multicultural pode ser definida como um lugar de identificação para os grupos de imigrantes, não só os que aqui estão contemplados, como também os variados outros grupos que a cidade recebe. Esses

grupos devem viver essa multiculturalidade que transita pelos lugares de São Paulo, e não a multiculturalidade que os confina. Para que isso ocorra é relevante que alguns projetos políticos que estão ligados ao interesse irrestrito do Capital não sejam levados a cabo e que o valor de troca nem sempre prevaleça sobre o valor de uso na lógica do espaço urbano.

É preciso compreender a relevância e o potencial de lugares que podem vencer o individualismo a partir de novas possibilidades para o encontro. Isso será possível com novos instrumentos legais que garantam os direitos sociais e políticos, principalmente de grupos menos favorecidos, transformando assim o cotidiano dessas pessoas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amadio, Decio. *Desenho urbano e bairros centrais de São Paulo: um estudo sobre a formação do Brás, Bom Retiro e Pari*. São Paulo: Tese de doutorado, FAU/USP, 2004.

Carlos, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. FFLCH – USP. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>, 2007.

Choi, Keum Joa. *Além do arco-íris: A imigração coreana no Brasil*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, Departamento de História, 1991.

Cymbalista, Renato; Rolnik, Iara. *Comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade*. Cadernos Metrôpole. São Paulo, V. 17, pp. 119-133, 2007.

Dinis, Henrique. *Continuidade e ruptura nos padrões de localização do terciário superior no setor sudoeste de São Paulo*. São Paulo: Tese de doutorado, FAU/ Mackenzie, 2009.

Feldman, Sarah. *Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945)*. In: SÃO PAULO, OS ESTRANGEIROS E A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES/ Ana Lúcia Duarte Lanna [et al.] (orgs.). São Paulo: Ed. Alameda, 2011.

Frúgoli Jr., Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez; Edusp, 2000.

Jorge, Clóvis de Athayde. *Luz: notícias e reflexões*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico – História dos bairros de São Paulo; 27, 1988.

Jorge, Janes. *Tietê o rio que a cidade perdeu. São Paulo, 1890 – 1940*. São Paulo: Ed. Alameda, 2006.

Kowarick, L.; Rolnik, R.; Somekh, N. (orgs.). *São Paulo: Crise e Mudança*, São Paulo: Brasiliense/PMSP, 1990.

Lagenbuch, Juergen Richard. *A estruturação da Grande São Paulo: estudo de geografia urbana*, Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971.

Leme, Maria Saenz. *Aspectos da evolução urbana de São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Tese de doutorado, FFLCH/USP, Departamento de História, 1984.

Lesser, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil, São Paulo, UNESP, 2001.

Magalhães, Giovanna Modé. *Fronteiras do direito humano à educação: um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo*. Dissertação de mestrado, FE/USP, 2010.

Mangili, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências (1930-1954)*. São Paulo: Ed. Alameda, 2011.

Martins, José de Souza. *A cidade multicultural*. Artigo disponível em: <https://lsecities.net/media/objects/articles/the-multicultural-city/pt-br/>, acessado em abril de 2018, 2008.

Rattner, Henrique. *Tradição e mudança – A comunidade judaica em São Paulo*. São Paulo: Ed. Ática, 1977.

Sagmacs. *Estudo urbano da aglomeração Paulistana: estruturas atuais e estruturas racionais*. São Paulo: sagmacs, 1958.

Santos, Marcio Pereira. *O Bom Retiro: uma paisagem paulistana*. São Paulo: Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, Departamento de Geografia, 2000.

Santos, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*/ Milton Santos – 4 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Seabra, Odette Carvalho de Lima. *Meandros dos rios nos meandros do poder. Tietê e Pinheiros: valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo*. São Paulo: tese de doutorado, FFLCH/USP, Departamento de Geografia, 1987.

Silva, Sidney Antonio da. *Bolivianos em São Paulo. Dinâmica cultural e processos identitários*. In: *Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.)* Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

Singer, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre e Recife*. São Paulo: Ed. Nacional, 1974.

Souchaud, Sylvain. *A imigração boliviana em São Paulo*. In: H. Póvoa Neto, A. P. Ferreira, ET al (Ed.). *Deslocamentos e reconstruções da experiência migrante*. Rio de Janeiro: NIEMUFRJ/ Garamond, 2010.

Souchaud, Sylvain. *A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo?* In: *Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.)* Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

Truzzi, Oswaldo. *Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 27, 2001, p. 143-166, 2001.

Truzzi, Oswaldo. *Redes em processos migratórios*. In *Tempo Social*, vol. 20 (1), p. 199-218, 2008.

Vidal, Dominique. *Convivência, alteridade e identificações. Brasileiros e bolivianos nos bairros centrais de São Paulo*. In: *Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.)* Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

Xavier, Iara Rolnik. *A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade.* In: *Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.)* Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.